

Minelvino Francisco

Silva

Maria Rosário Pinto

Minelvino Francisco Silva nasceu no povoado de Palmeiral, Município de Mundo Novo (BA), em 1926. Criado em Jacobina (BA), trabalhou como garimpeiro, radicando-se posteriormente em Itabuna (BA).

Seu primeiro contato com a literatura de cordel foi com o clássico *Romance do pavão misterioso*, de João Melquíades Ferreira da Silva (*N.E.: até hoje permanece a dúvida, na verdade, sobre quem foi o real autor dessa obra, se Melquíades ou José Camelo de Melo Rezende*).

Começou a versejar aos vinte e dois anos de idade e sua primeira sextilha, segundo a professora Edilene Matos, foi improvisada durante o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros (1955) e dedicada a João Martins de Athayde: “Até eu cheguei na hora / Como humilde trovador / Abracei ele, dizendo: / Parabéns meu Professor / Por todas as suas obras / de grandioso valor.”

Tradição oral

Poeta popular e xilógrafo dos mais talentosos na poesia e no talhe, compôs, basicamente, em sextilhas e setilhas. Viveu intensamente o universo do cordel, passando por todas as modalidades e deixando a marca da qualidade e do rigor em tudo o que escreveu.

Percorreu uma variedade de temas, como contos de encantamento (trazendo para o folheto popular a tradição oral dos contos de fadas), de amor, de animais e fatos políticos e do cotidiano, dentre outros. Publicou o primeiro folheto em 1949 – *A enchente de Miguel Calmon e o desastre do trem de Água Baixa* -, editado pelo amigo e companheiro de lutas em prol da causa dos poetas populares, Rodolfo Coelho Cavalcante.

Em 1980, venceu o concurso Prêmio Literatura de Cordel, promovido pelo Núcleo de Pesquisa e Cultura da Literatura de Cordel como parte das comemorações do centenário de João Martins de Athayde, com o folheto *Vida, profissão e morte*, de João Martins de Athayde.

Arte da impressão

Fascinado pela arte da composição e da impressão tipográfica, adquiriu uma impressora manual, onde confeccionava seus folhetos, inclusive as capas, conforme mostra nos versos: “Eu mesmo escrevo a estória / eu mesmo faço o clichê / eu mesmo faço a impressão / Eu mesmo vou vender / e canto na praça pública / para todo mundo ver”.

Seu interesse o fez mudar para uma impressora elétrica, mas em 1979 sofreu um acidente, perdendo três dedos. Este fato não o impediu de continuar no ofício, pelo contrário, sua técnica foi aperfeiçoada, referindo-se ao episódio nos versos: “No dia dez de outubro / Compus uma oração / Botei na máquina impressora / Para fazer a impressão / Em vez de imprimir o papel / Errei e imprimi a mão”.

Editou em várias tipografias e editoras como a **Tipografia São Francisco**, em Juazeiro do Norte (CE), a **Luzeiro** e a **Prelúdio**, em São Paulo (SP). Faleceu no dia do seu aniversário, a 29 de novembro de 1999, na mesma rua em que viveu, em Itabuana (BA).

Referências bibliográficas

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL: Literatura de cordel: antologia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982. XIX, 704 p.: il. (Monografias; v. 14).

BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel. Natal: Fundação José Augusto, 1977. XXVI, 394 p.: il.

SÁ, Aurenice e outros. Arte popular em terras do cacau. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore, 1987. 39 p.: il. (Sala do Artista Popular; 35).

LUYTEN, Joseph Maria. A xilogravura popular brasileira e suas evoluções In:_____. Antologia de folclore brasileiro. São Paulo: EDART, 1982. p. 255-271. Il.

SILVA, Minelvino Francisco. _____ Minelvino Francisco Silva. São Paulo: Hedra, 2000. 234 p.: il. (Biblioteca de cordel).